

BERÇO DAS ÁGUAS

Atributos da Terra Indígena *Uru Eu Wau Wau*

Realização

Escola Superior de Conservação Ambiental e Sustentabilidade - ESCAS
Instituto de Pesquisas Ecológicas - IPÊ

Produção e Elaboração
Silas Marques Ferreira

Orientação
Suzana de Pádua e Alexandre Uezu

Direção de Arte e Fotografia
Silas Marques Ferreira

Design Gráfico
Wellybh Machado

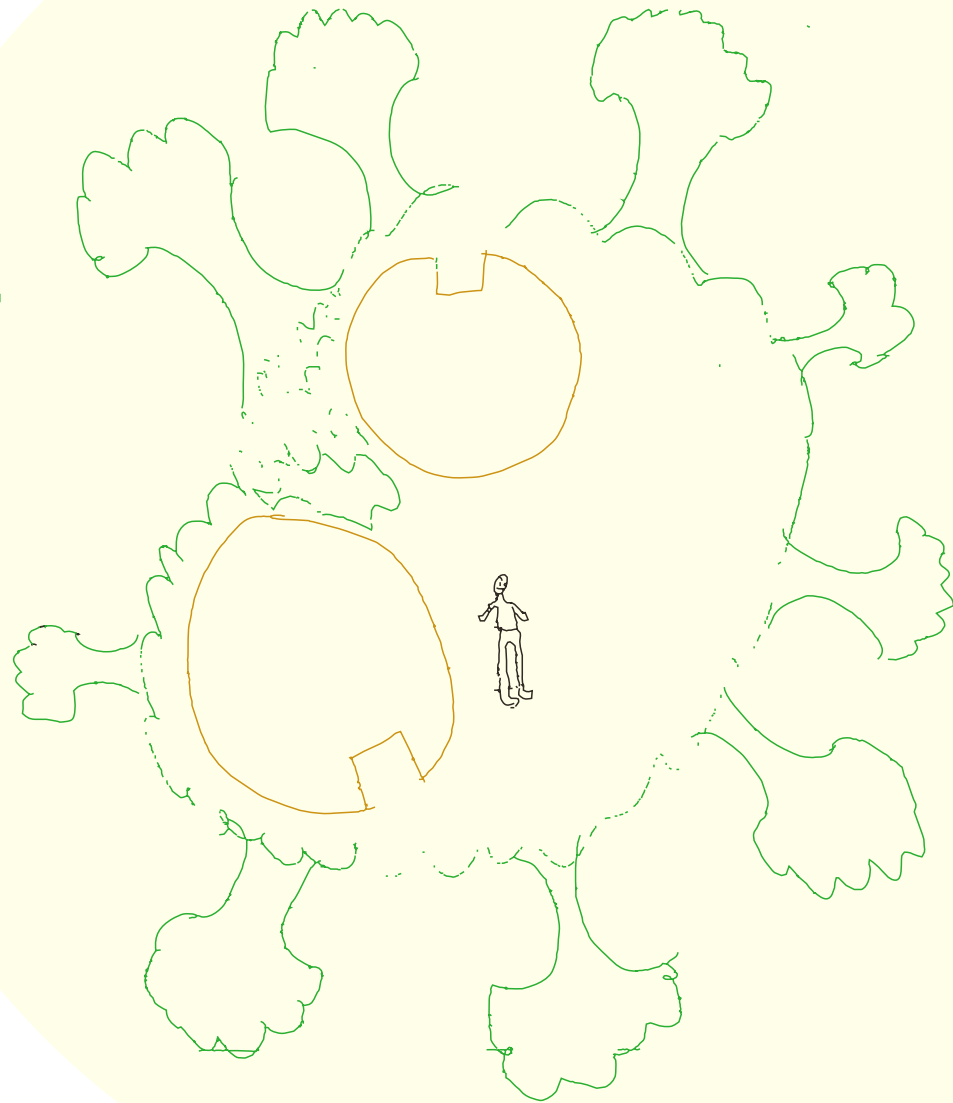


Silas Marques Ferreira

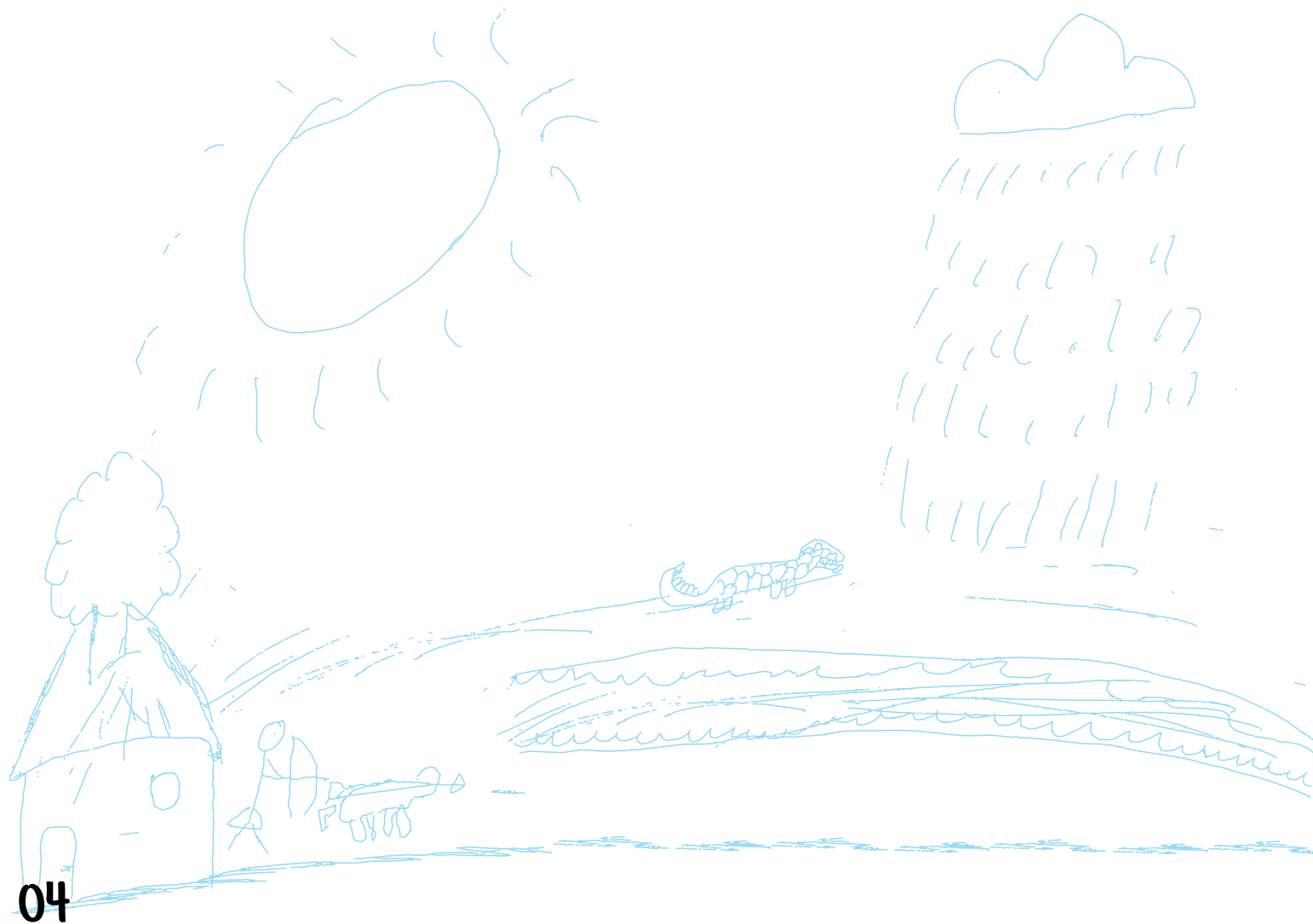
BERÇO DAS ÁGUAS

Atributos da Terra Indígena *Uru Eu Wau Wau*

ÍNDICE



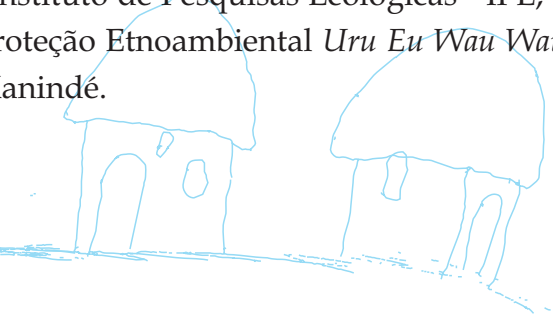
1	Localização e Aspectos Legais.....	07
2	Atributos Naturais da Terra Indígena <i>Uru Eu Wau Wau</i>	08
2.1	Hidrografia.....	09
2.2	Vegetação.....	12
2.3	Fauna.....	16
2.4	Serviços Ambientais.....	18
3	Atributos Sociais da Terra Indígena <i>Uru Eu Wau Wau</i>	24
3.1	História e Contato.....	25
3.2	Caça.....	30
3.3	Pesca.....	33
3.4	Agricultura.....	34
3.5	Criação de Animais.....	36
3.6	Moradias.....	37
3.7	Casamento.....	38
3.8	Enterro.....	39
3.9	Festas.....	40
3.10	Cultura Material.....	42
3.11	Índios Isolados.....	44
4	Pressões e Ameaças.....	46
5	A Comunidade do Entorno e o Seu Papel na Proteção da Terra Indígena <i>Uru Eu Wau Wau</i>	48
6	Órgãos Oficiais de Proteção.....	49
7	Agradecimentos.....	50



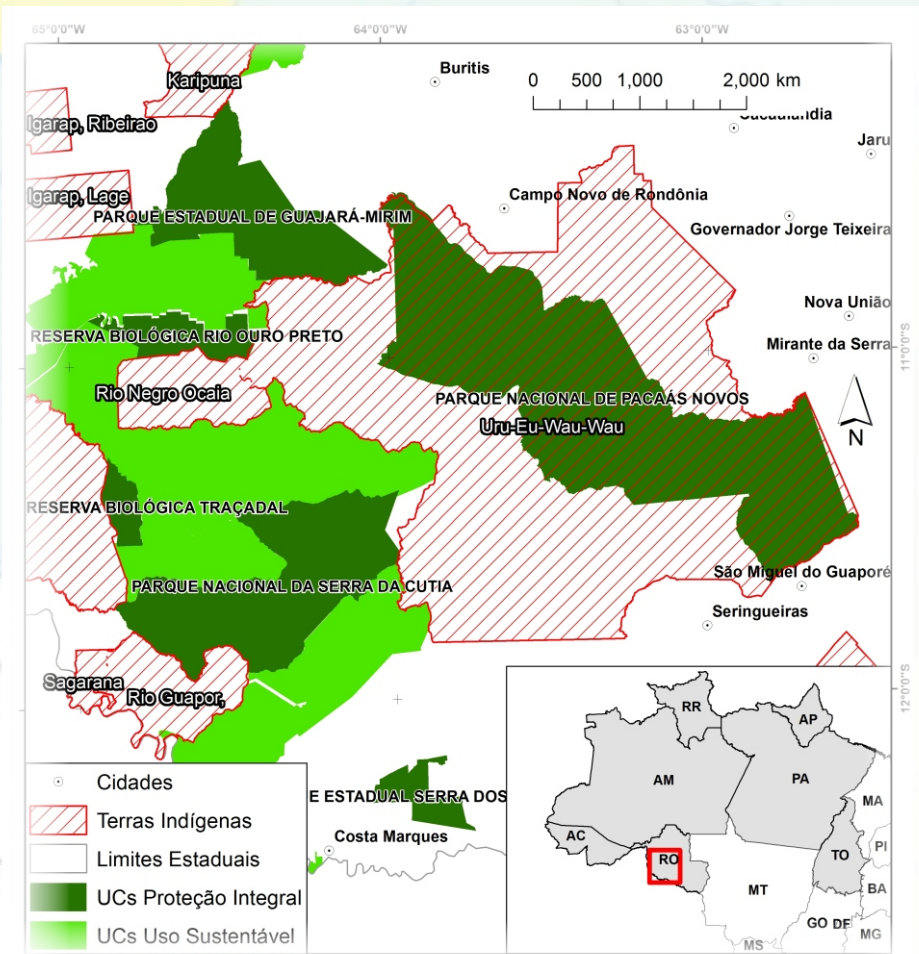
04

APRESENTAÇÃO

A Cartilha - “Berço das Águas: Atributos da Terra Indígena *Uru Eu Wau Wau*” - é uma proposta de comunicação, elaborada para compartilhar o conteúdo do produto final do Mestrado Profissional em Conservação da Biodiversidade e Desenvolvimento Sustentável de Silas Marques Ferreira, e tem por objetivo, levar informações para a comunidade estudada. Esta é uma pequena sistematização da pesquisa realizada em 2015-2016, e uma parcela, dos muitos conhecimentos e registros obtidos. Está destinada à comunidade do entorno da Terra Indígena *Uru Eu Wau Wau*, as instituições dos diversos setores que trabalham na proteção desse território, e aos atores interessados, como uma contribuição a conservação desse território. O estudo integra a Percepção Ambiental Acerca da Terra Indígena *Uru Eu Wau Wau* em Rondônia, a partir de estudantes de escolas rurais localizadas no seu entorno. Esta cartilha procura mostrar toda a riqueza natural e social existente nessa Terra Indígena, e os benefícios gerados com os diversos serviços ambientais produzidos, destacando a cultura dos povos indígenas, *Jupau* e *Amondawa*, que tem um papel central na proteção e conservação da área como seus guardiões, dentre outros povos indígenas que existem no território. Esse produto foi elaborado sob a coordenação da Escola Superior de Conservação Ambiental e Sustentabilidade - ESCAS, do Instituto de Pesquisas Ecológicas - IPÊ, com a colaboração da Fundação Nacional do Índio/Frente de Proteção Etnoambiental *Uru Eu Wau Wau* e da Organização de Defesa Etnoambiental sem fins lucrativos Kanindé.



05



1 - LOCALIZAÇÃO E ASPECTOS LEGAIS

A Terra Indígena *Uru Eu Wau Wau* possui superfície de 1.867.117,80 hectares, e abrange quatorze municípios do estado de Rondônia (RO): Alvorada d'Oeste, Buritis, Cacaulândia, Campo Novo de Rondônia, Governador Jorge Teixeira, Guajará-Mirim, Jararua, Mirante da Serra, Monte Negro, Nova Mamoré, São Francisco do Guaporé, São Miguel do Guaporé, Seringueiras e Urupá. Foi declarada de posse permanente dos índios em 09 de julho de 1985, por meio do decreto 91.416/85, o qual foi revogado em 1990, pelo presidente José Sarney. Porém, em 29 de outubro de 1991, a demarcação foi restabelecida por meio do Decreto Presidencial N° 275.

A área encontra-se sobreposta ao Parque Nacional do Pacaás Novos em uma área de 764.801 hectares, que compreende 41% da área. O parque foi criado pelo Decreto Federal N° 84.019 de 21 de setembro de 1979. No território vivem os Povos Indígenas *Amondawa*, *Jupau*, *Oro In* e grupos de Índios Isolados.

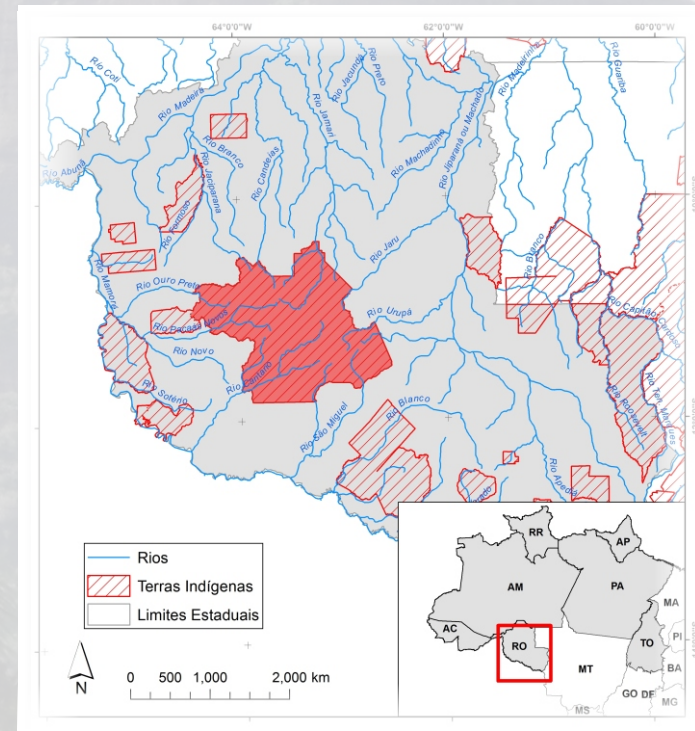
2 – ATRIBUTOS NATURAIS DA TERRA INDÍGENA *URU EU WAU WAU*



2.1 – HIDROGRAFIA

A Terra Indígena *Uru Eu Wau Wau* abriga pelo menos 12 sub-bacias hidrográficas de Rondônia. Dentre os rios que têm suas nascentes protegidas por essa área, estão os rios Cautário, Urupá, São Miguel, Muqui, Jamari, Pacaás Novos, Jaci-Paraná e Candeias, que formam as principais bacias hidrográficas do estado de Rondônia.

Hidrografia da Terra Indígena *Uru Eu Wau Wau*



Fonte: Instituto de Pesquisas Ecológicas - IPÊ, baseado em dados do IBGE e do Ministério do Meio Ambiente.

Ao longo do seu curso, esses recursos hídricos formam cenários de grande beleza cênica, com diversas nascentes, rios e cachoeiras, caracterizando esse território indígena como um verdadeiro berço de águas. O baixo grau de desmatamento e a preservação da floresta, que caracterizam o modo de ocupação indígena, criam um bloqueio à expansão e, assim, protegem do assoreamento esses importantes rios.

Cachoeira Rio Jaci Paraná



10 Fonte: Organização Kanindé (2002)

Cachoeira do Cujubim



Fonte: FUNAI (2016)

Cachoeira Rio Pacaas



Fonte: Organização Kanindé (2002)

Rio Cautário



Fonte: FUNAI (2016)

Corredeiras do Rio Cautário



Fonte: FUNAI (2016)

Corredeiras do Rio Cautário

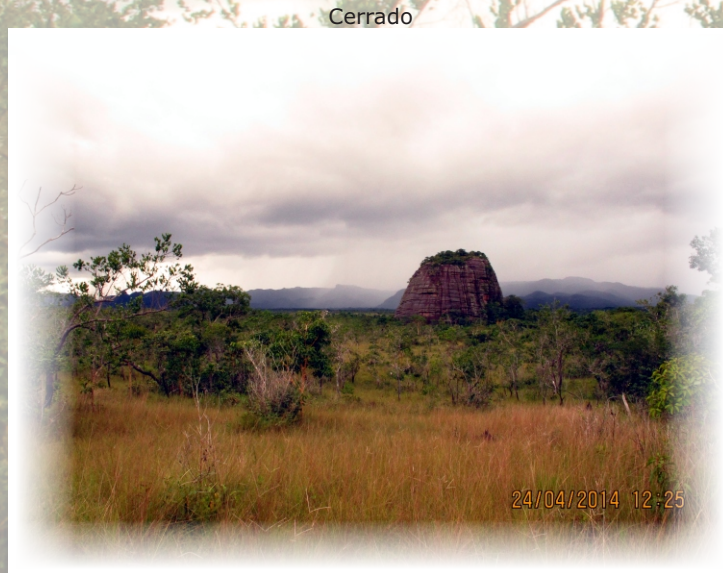


Fonte: FUNAI (2016)

2.2 – VEGETAÇÃO

A vegetação da Terra Indígena *Uru Eu Wau Wau*, é caracterizada como ecótono, ou seja, é uma zona de transição ecológica, aonde diferentes biomas se encontram. A sua vegetação possui características dos biomas Amazônia, Cerrado e Pantanal, por isso apresenta diversos ecossistemas em seu interior.

No topo das serras é comum a formação de campos e cerrados, além de formações endêmicas, que são espécies de plantas que só existem naquele local.



Fonte: FUNAI (2016)



Fonte: FUNAI (2016)

A borda se constitui de floresta amazônica, de aberta à fechada, formando uma grande diversidade de paisagens e espécies.



Fonte: FUNAI (2016)



Fonte: FUNAI (2016)

Em Rondônia existem 25 classes de vegetação, das quais, 17 ocorrem na área, incluindo floresta ombrófila densa e aberta, formações pioneiras (várzeas e igapós), florestas de transição ou contato, e diversos tipos de formações abertas, como as savanas, além de diversos tipos de transição entre as formações florestais e abertas.

Área pantanosa



Fonte: FUNAI (2016)

Buritizal (*Mauritia Flexuosa*)



Fonte: FUNAI (2016)

Savana



Fonte: FUNAI (2016)

Savana



Fonte: FUNAI (2016)

2.3 – FAUNA

A fauna que ocorre na Terra Indígena *Uru Eu Wau Wau* é muito rica, pois os diferentes ambientes florestais existentes abrigam uma grande diversidade de espécies de animais, os quais participam do equilíbrio da floresta, polinizando variadas flores e dispersando as sementes de diversas espécies de plantas.

Udu-de-coroa-azul (*Momotus momota*)



Fonte: Organização Kanindé (2002)

Antas (*Tapirus terrestris*)



Fonte: Organização Kanindé (2002)

Macaco-de-cheiro (*Saimiri sciureus*)



Fonte: Organização Kanindé (2002)

Um estudo realizado pela Organização Kanindé, registrou 281 espécies de aves e 94 espécies de mamíferos, incluindo espécies ameaçadas de extinção, como a onça-pintada (*Panthera onca*) e a harpia (*Harpia harpyja*), também conhecida como Gavião Real.

Maria-leque (*Onychorhynchus coronatus*)



Fonte: Organização Kanindé (2002)

Mãe-de-taoca (*Phlegopsis nigromaculata*)



Fonte: Organização Kanindé (2002)

Gavião-real (*Harpia harpyja*)



Fonte: Silas Marques Ferreira (2012)

Uirapuru-laranja (*Pipra fasciicauda*)



Fonte: Organização Kanindé (2002)

2.4 – SERVIÇOS AMBIENTAIS

Os recursos naturais protegidos por essa área protegida geram diversos benefícios para a população, esses benefícios são chamados de serviços ambientais, e se estendem para além dos limites da Terra Indígena como, por exemplo, a produção de chuvas, a purificação do ar e a utilização da água dos diversos rios que nascem nessa área.

As águas dos rios que nascem na Terra Indígena *Uru Eu Wau Wau* abastecem diversas cidades da região, como Ji-paraná que é abastecida pelo Rio Urupá, Jaru que é abastecida pelo Rio Jaru e Ariquemes que é abastecida pelo Rio Jamari. Ao todo, pelo menos 18% da água consumida nas cidades de Rondônia, vêm da Terra Indígena *Uru Eu Wau Wau*.

Rio Muqui



Fonte: Organização Kanindé (2002)

Rio Cautário



Fonte: FUNAI (2016)

O Rio Jamari, no seu curso até a sua foz no Rio Madeira, possui três Pequenas Centrais Hidrelétricas (PCH) e também a Usina Hidrelétrica (UHE) Samuel, que gera a maior parte da energia elétrica consumida no estado de Rondônia.

Rio Jamari na Terra Indígena *Uru Eu Wau Wau*



Fonte: Organização Kanindé (2002)

Dentre os serviços ambientais gerados, podemos destacar a produção de chuvas, pois a floresta da Terra Indígena emite gases necessários à formação de nuvens de chuvas, que são transportadas pelos movimentos da terra e faz chover em outras localidades, produzindo efeitos nas pastagens, agricultura e consequentemente na economia, beneficiando tanto a população do seu entorno como de outras regiões.

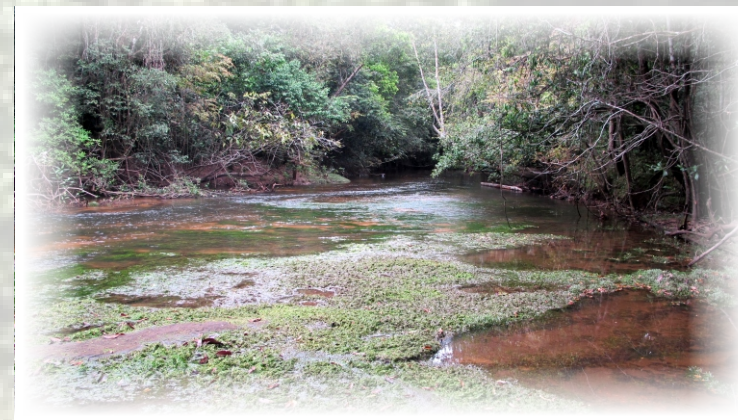
Formação de chuva na TI *Uru Eu Wau Wau*



Fonte: FUNAI (2016)

Todos esses serviços ambientais são assegurados pela imensa floresta da Terra Indígena *Uru Eu Wau Wau*, que protege as nascentes desses rios, e uma amostra representativa de diversos ecossistemas. Muitos rios em que suas nascentes e matas ciliares não foram protegidas, assorearam e secaram, reduzindo as chuvas e prejudicando a agricultura, a pecuária, e diversos setores da economia.

Nascente do Rio Cautário



Fonte: FUNAI (2016)

Serra do Pacaás Novos



Fonte: Organização Kanindé (2002)

3 – ATRIBUTOS SOCIAIS DA TERRA INDÍGENA *URU EU WAU WAU*



As informações etnográficas sobre os povos indígenas *Jupaú* e *Amondawa* apresentadas a seguir, foram levantadas a partir do **Diagnóstico Etnoambiental Participativo da Terra Indígena Uru Eu Wau Wau**, realizado pela Organização Não Governamental sem fins lucrativos Kanindé no ano de 2002.

3.1 – HISTÓRIA E CONTATO

A Terra Indígena *Uru Eu Wau Wau* foi criada para assegurar a sobrevivência de vários povos indígenas: os *Jupau*, que hoje contam com 110 indivíduos; os *Amondawa*, com 130 indivíduos; os *Oro In*, com 113 indivíduos; e três grupos de Índios Isolados estimados pela FUNAI em 300 indivíduos.

Vivem no território indígena ao menos seis etnias distintas, sendo duas delas conhecidas pelo etnônimo que dá nome à área de proteção (*Uru Eu Wau Wau*), mas que se autodenominam *Jupaú* e *Amondawa*; duas outras são conhecidas pelos etnônimos *Jururei* e *Oro Towati*, ou *Oro In*.

Os *Jupaú* e *Amondawa* falam uma língua conhecida como *tupi-kawahib*, pertencente à família linguística Tupi-Guarani, do tronco linguístico Tupi; os *Oro In*, por sua vez, falam uma língua da família *Txapakura*.

Além desses povos, a Terra Indígena *Uru Eu Wau Wau* é também uma das últimas regiões em que há comprovada presença de índios isolados, que vivem de forma autônoma e evitam contato com a sociedade circundante. Entre esses, os *Jupaú* e *Amondawa* nomeiam os *Yvyraparakwara* e os *Jurureí* como falantes da mesma língua (*tupi-kawahib*), e destacam ao menos mais duas etnias desconhecidas.

Os primeiros contatos da FUNAI com os índios *Jupau* e *Amondawa* foi a partir de 1981. No entanto, antes do contato da FUNAI, já havia ocorrido muitos conflitos entre esses povos indígenas e seringueiros, garimpeiros, madeireiros, e colonizadores que chegavam à região.

Essas frentes de exploração econômica e de ocupação avançavam em direção a área tradicional dos índios, que por sua vez defendiam o seu território, o que resultou em mortes de ambos os lados, sendo que nos conflitos aldeias inteiras foram dizimadas nos ataques.

À época do contato, os *Jupaú* e *Amondawa* foram calculados em 250 índios, porém, se avaliava que aproximadamente 1.000 a 1.200 índios continuavam isolados.

Aldeia Jamari no primeiro contato da FUNAI



Fonte: Organização Kanindé (2002)

Vacinação de crianças indígenas



Fonte: Organização Kanindé (2002)

Crianças indígenas no primeiro contato



Fonte: Organização Kanindé (2002)

Além das mortes provocadas pelos ataques dos não índios, os indígenas também morriam em grande número em decorrência das doenças que contraíam, e sobre as quais não tinham resistência, como a gripe e o sarampo. Tão logo ocorria o contato com a FUNAI, os índios eram vacinados, contra diversas doenças.

Atualmente, os índios contatados estão distribuídos por onze aldeias, localizadas nos limites do território, como estratégia de proteção da área contra invasores.

- ✓ Aldeia Alto Jamari: na região que compreende os municípios de Governador Jorge Teixeira, Campo Novo e Monte Negro;
- ✓ Aldeias 621, 623 e Jamari: no município de Governador Jorge Teixeira;
- ✓ Aldeias Alto Jaru e Nova: próximo ao distrito de Jaruaru, no município de Jaru;
- ✓ Aldeia Trincheira: no município de Mirante da Serra;
- ✓ Aldeias São Luiz, Cristo Rei, Pedreira e Limão: no município de Guajará Mirim;

Desenho da Terra Indígena *Uru Eu Wau Wau* feito durante a pesquisa, com escolas do entorno da Terra Indígena.



Fonte: G. P. S., 14 anos, E. M. E. F. Santa Lúcia (2015)

3.2 – CAÇA

No Brasil, a caça de animais silvestres é proibida pela Lei Federal de Proteção à Fauna, no entanto, aos povos indígenas a caça é permitida dentro de seus territórios, como parte de sua cultura. Dentre os índios *Jupau* e *Amondawa*, a caça é uma atividade praticada pelos homens, e ocorre próximo às aldeias, em trilhas habituais e em barreiros, que são lugares onde os animais vão cavar e lambar o solo para extrair o sal, numa distância de aproximadamente 3 a 5 km das aldeias. Também são formados grupos para caçadas em locais mais distantes, a caça obtida é dividida entre a comunidade da aldeia.

São utilizadas várias técnicas de caça, fazem tocais de palha de babaçu, imitam o som dos animais para atraí-los, e seguem as pegadas dos animais na floresta.

O arco e flecha eram os instrumentos mais importantes da caça, pesca e guerra, e ainda é utilizado para a caça e pesca. Atualmente, além do arco e flecha, espingardas também são utilizadas para a caça, principalmente pelos jovens.

As flechas são de diferentes tipos, de acordo com a finalidade: ponta de taquara para abate de animais maiores; ponta de osso de onça, para abate principalmente de aves; e ponta de pupunha para abate de peixes.

Flechas *Amondawa*



Moquén



Além de caçar, também são os homens que limpam o animal, constroem o moquém e fazem o fogo. As mulheres preparam os demais alimentos, participam da pesca e cuidam dos filhos.

No tratamento do animal abatido, o couro não é retirado, o animal é colocado no fogo para sapear o pelo.

As carnes dos animais são assadas (moqueadas) em moquéns, permanecendo conservada por vários dias quando colocadas no calor do fogo e embrulhadas em palhas e cestos para proteger dos insetos.

A carne é a principal fonte de proteína, e há uma seleção rigorosa no consumo dos animais, conforme a tradição Kawahib. Possuem diversos tabus alimentares, e por isso não comem vários animais, dentre os quais:

- ✓ Veado roxo: o consideram como gente. Se for comido, a pessoa fica com tonteira e vai sendo morta devagar;
- ✓ Macaco: faz a criança chorar e não dormir;
- ✓ Jacu: mesma situação do veado roxo;
- ✓ Jacamim: se a pessoa tiver dois filhos pequenos, choram o tempo todo;
- ✓ Curimba e Urumará: dá coceira no corpo;
- ✓ Paca: dá mancha preta no corpo.

3.3 – PESCA

A pesca é uma atividade realizada tanto pelo homem quanto pela mulher *Jupau* e *Amondawa*. Os homens utilizam arco e flecha, arpão e redes malhadeiras durante a pescaria. A época de maior abundância de peixe é no tempo da seca, quando os rios estão em menor volume de água.

O uso do *timbó*, método que envolve o envenenamento dos peixes, é frequente, principalmente em épocas do ano quando a pesca fica difícil.

Pesca com arco e flecha



Há uma seleção dos peixes que podem ser comidos, os quais são preparados de diversas formas, moqueados, cozidos na panela, enrolados em folhas de pacovas e colocados direto no fogo.

Com a carne moqueada do peixe, fazem farofa socando no pilão, também costumam extrair e armazenar a gordura do peixe cachorro para comer com farinha.

A caça, a pesca, os frutos silvestres, a água, a madeira, a palha e fibra das plantas, são serviços ambientais gerados pela Terra Indígena, necessários a sobrevivência dos índios. Deste modo, a conservação desse território é fundamental para a manutenção e reprodução cultural dos povos indígenas que nela vivem.

Fonte: Organização Kanindé (2002)

3.4 – AGRICULTURA

Toda a família é envolvida nas atividades de subsistência. Cultivam mandioca, que pode ser comida assada ou transformada em um mingau não fermentado, além da farinha, que é uma atividade realizada por homens e mulheres.

O milho é consumido verde ou seco, com o qual produzem farinha no pilão, e também mingau, que é consumido sem fermentação. Conhecem diversas variedades de cará, que são plantados em roças novas e em tocos de árvores derrubadas.

Em parte do roçado ou ao lado das malocas, plantam uma variedade de batata doce. Cultivam ainda uma variedade de taioba, e consomem suas folhas cozidas com carne e farinha. Nas proximidades das moradias, também plantam uma variedade de algodão e urucum. O algodão é utilizado na fiação de cordões e o urucum é usado para pintura corporal e como repelente de insetos. O mamão é uma planta cultivada ancestralmente, brotando muitas vezes em velhos roçados que são reutilizados.

A roça é feita em um local próximo às aldeias, escolhido na floresta para ser desmatado e queimado no sistema de derrubada e queimada. Antes do contato, usavam o machado de pedra como instrumento de corte das árvores, o que era muito dificultoso na tarefa de derrubar a floresta para fazer uma roça. Faziam também o desmatamento e queimada na época da seca.

Após o plantio e colheita, a roça é abandonada e forma-se uma capoeira, que pode ser reutilizada para a roça alguns anos depois. O trabalho de derrubada da roça é praticado pelos homens. O plantio, a limpeza e a colheita são praticados por toda a comunidade da aldeia. A alimentação é enriquecida pelo consumo de mel e alguns insetos. A coleta de frutas é uma atividade bastante apreciada e complementam a alimentação, dentre os frutos consumidos estão o Cupuaçu Nativo, Cacau de Macaco, Tucumã, Patuá e Mamão de Jaracatiá.

Roça de milho e mandioca



Fonte: Organização Kanindé (2002)

3.5 – CRIAÇÃO DE ANIMAIS

Ambos os grupos mantêm o hábito de criar aves e animais, que são utilizados pelas famílias como fonte de matéria-prima para a produção de artesanatos e como animais de estimação das crianças.

São criados Gavião Real e Arara, para retirada de penas para as flechas e adornos. Outras criações da aldeia, voltadas, sobretudo para brincadeira das crianças, são: Inambu galinha; Inambu Tona; Jacamim; Mutum; Saracura; Periquito; Curica; Papagaio; Filhote de Caititu; Filhote de Queixada.

Gavião-real em cativeiro



Fonte: FUNAI (2012)

3.6 – MORADIAS

Antes do contato, os *Jupau* e *Amondawa* possuíam grande mobilidade espacial, havendo aldeamentos fixos em determinadas épocas do ano e acampamentos temporários ou tapiris, espalhados por toda área de ocupação.

As aldeias eram construídas em pequenas clareiras abertas na mata, e nas proximidades faziam as roças. Antes do contato, habitavam malocas retangulares, com tetos altos de duas águas e com saídas dos dois lados.

Atualmente, além das malocas (que são minoria), habitam em casas de madeira cobertas com telhas de amianto.

Maloca tradicional



Fonte: Organização Kanindé (2002)

3.7 – CASAMENTO

Os *Jupaí* e *Amondawa* estão divididos em grupos de parentesco, cada qual com um chefe, organizados em duas metades: Mutum e Arara. Os casamentos se dão entre as duas metades, de modo que Mutum só casa com Arara. Quando a criança nasce, já está prometida em casamento.

As pessoas de ambos os grupos têm como prática mudar de nomes a cada nascimento de um membro da família nuclear. Quando nasce um menino, este recebe o nome do pai quando era bebê; conforme vai avançando a idade, ele vai assumindo os nomes que o pai já teve.

Ritual de casamento



Fonte: Silas Marques Ferreira (2012)

3.8 – ENTERRO

Os mortos são enterrados dentro das malocas, com todos os seus pertences. Quando precisam por alguma razão mudar, continuam voltando ao local para visitar e limpar o local onde enterraram seus mortos, ou transportam os ossos para a nova moradia.

As covas são circulares e o morto é enterrado sentado com todos os seus pertences, inclusive com um cocar de penas de gavião em cima do peito.



3.9 – FESTAS

Yreruá



Fonte: Organização Kanindé (2002)

Costumam cantar à noite para espantar os inimigos com seus gritos, ou lembrar os entes queridos mortos. Também dançam em suas diversas festas. A festa do milho chama-se *Ipuã* e outra festa bastante conhecida é o *Yreruá*. Nesta, os homens tocam taboca (um instrumento de sopro), carregando suas flechas, onde os arcos são retesados como se fossem fazer o lançamento das flechas, enquanto dançam em círculo. As mulheres, em certo momento da festa, dançam agarradas em seus braços. Em certos momentos são dados gritos que tradicionalmente têm uma conotação guerreira.

3.10 – CULTURA MATERIAL

Os cocares e flechas são confeccionados pelos homens com penas de papagaio, arara e gavião real, sendo usados pelos homens (adultos e crianças). Alguns cocares de penas de gavião são feitos para serem usados quando os homens morrem, quando são colocados em cima do corpo do morto, sendo usados durante as festas só para manter a beleza das penas.

As mulheres costumam usar colar de dente de capivara e os homens de porco-queixada. As mulheres também confeccionam colares e anéis de coco de tucumã e dentes de outros animais.

Tradicionalmente, faziam panela de barro e cestos para carregar caças, coletar frutos e mel na floresta.

Adornos da cultura Jupaú e Amondawa



Fonte: Organização Kanindé (2002)

3.11 – ÍNDIOS ISOLADOS

A FUNAI por meio da Frente de Proteção Etnoambiental *Uru Eu Wau Wau*, realiza diversas ações de proteção aos índios isolados dessa Terra Indígena. As ações não têm por objetivo estabelecer contato com esses povos, mas identificar os seus traços culturais, território de perambulação e densidade (número de indivíduos) dos grupos, para estabelecer estratégias mais eficazes na sua proteção.

Hoje se sabe que esses grupos de índios isolados são caçadores-coletores, e perambulam por um amplo território, aonde passam por períodos em acampamentos temporários em determinadas épocas do ano.

Quando os índios isolados não se encontram nesses locais, esses acampamentos são visitados em expedições realizadas por equipes da FUNAI. As expedições são coordenadas por indigenista, servidor FUNAI, experiente na identificação de vestígios indígenas, os quais são cruzados com traços culturais de outros grupos indígenas.

Nas expedições realizadas pela FUNAI foram encontrados acampamentos indígenas e diversos vestígios, como rede, panela de cerâmica e flechas, além de diversos resquícios do hábito alimentar, que inclui castanha, mel, peixes e animais de caça como o macaco, tamanduá e porco do mato.

Rede artesanal feita de palmeira de Tucum (*Astrocaryum vulgare*)



Fonte: FUNAI (2002)

Panela de cerâmica



Fonte: FUNAI (2002)

4 – PRESSÕES E AMEAÇAS

Na história da Terra Indígena *Uru Eu Wau Wau*, ocorreram sucessivas invasões, tanto por parte de madeireiros e seringalistas, quanto por camponeses em busca de terras. As invasões se intensificaram a partir dos anos 80, após a pavimentação da BR-364 e persistem até hoje.

A invasão mais conhecida na Terra Indígena *Uru Eu Wau Wau*, ocorreu em abril de 2003, quando cerca de 5.000 não indígenas ocuparam a área. A retirada ocorreu semanas depois e envolveu uma operação conjunta de diversos órgãos públicos de proteção ambiental.

Na história mais recente, o rio Floresta foi palco de um grande conflito entre indígenas e não indígenas. Mesmo após a FUNAI ter notificado o INCRA de que a região estava interdita para os índios, este expediu 122 títulos definitivos a agricultores no interior da área indígena *Uru Eu Wau Wau*, gerando um problema não resolvido até os dias de hoje.

As invasões que historicamente tem ocorrido nessa Terra Indígena, coloca em risco a vida dos diversos povos indígenas que dependem dessa floresta para a sua sobrevivência, com especialidade os índios isolados.
As invasões também são uma ameaça aos diversos serviços ambientais e ecossistêmicos gerados pela floresta.

Apreensão de madeira furtada na Terra Indígena *Uru Eu Wau Wau*



Apreensão de pesca dentro da Terra Indígena *Uru Eu Wau Wau*



Fonte: FUNAI (2016)

Fonte: FUNAI (2016)

5 – A COMUNIDADE DO ENTORNO E O SEU PAPEL NA PROTEÇÃO DA TERRA INDÍGENA URU EU WAU WAU

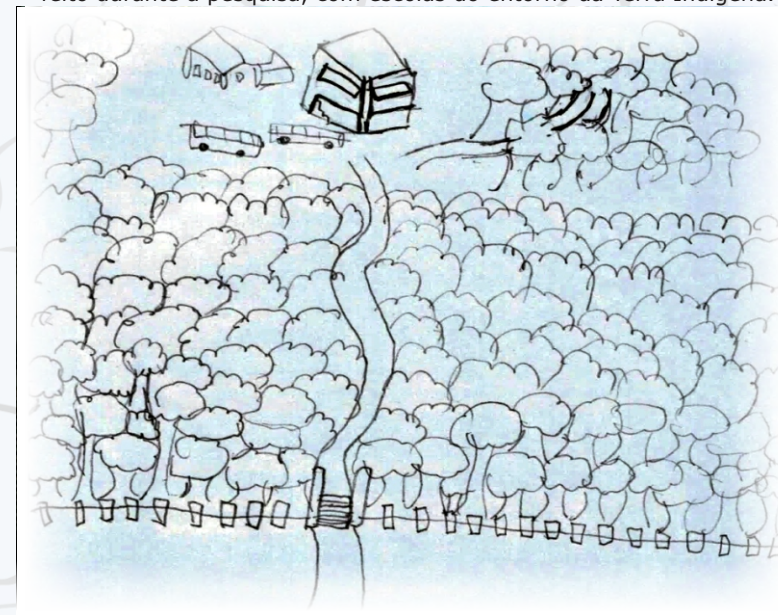
Toda a riqueza protegida pela Terra Indígena *Uru Eu Wau Wau*, é de usufruto direto dos diversos povos indígenas que a ocupam, e de usufruto indireto de todo o planeta.

A proteção deste patrimônio natural interessa a todos, pois todos recebem os efeitos dos seus benefícios. Nesse sentido, a população que vive no seu entorno, tem um papel fundamental na proteção dessa área contra as pressões históricas que a ameaçam, pois para chegar à área protegida, o caminho é pelo seu entorno.

Conscientes dessa função, a comunidade que vive nas proximidades da área, pode contribuir fortemente com sua conservação, difundindo esses conhecimentos e denunciando os invasores aos órgãos de proteção.

6 – ÓRGÃOS OFICIAIS DE PROTEÇÃO

Desenho da Terra Indígena *Uru Eu Wau Wau* feito durante a pesquisa, com escolas do entorno da Terra Indígena.



Fonte: S. B. A., 11 anos, E. M. E. I. E. F. Olavo Bilac (2015)

- ✓ FUNAI - Fundação Nacional do Índio
- ✓ ICMBio - Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade
- ✓ PM Ambiental - Polícia Militar Ambiental
- ✓ PF - Polícia Federal
- ✓ MPF - Ministério Público Federal

7 – AGRADECIMENTOS

A Escola Superior de Conservação Ambiental e Sustentabilidades - ESCAS do Instituto de Pesquisas Ecológicas - IPÊ, com especialidade a Prof^ª. Dra. Suzana de Pádua, DSc. por ter incentivado a elaboração desta cartilha.

As seguintes escolas localizadas no entorno da Terra Indígena *Uru Eu Wau Wau*: E. M. E. F. Santa Lúcia; E. M. E. F. Justino Luiz Ronconi; E. M. E. F. Sued Alves; E. M. E. I. E. F. D'Jarú Uaru; E. M. E. I. E. F. Jorge de Lima; e E. M. E. I. E. F. Olavo Bilac; por terem atendido ao convite para participação na pesquisa realizada.

A Fundação Nacional do Índio – FUNAI/Frente de Proteção Etnoambiental *Uru Eu Wau Wau*, com especialidade ao indigenista Rieli Franciscato, coordenador desta Frente, pela disponibilização de fotografias e de diversas informações sobre índios isolados.

A Organização Não Governamental sem fins lucrativos Kanindé, pela disponibilização de fotografias e de diversas informações sobre esse território contidas no Diagnóstico Etnoambiental participativo da Terra Indígena *Uru Eu Wau Wau*.

